

A ERUDIÇÃO NO JORNAL *CORREIO DO POVO*: UMA ANÁLISE DOS CADERNOS DE SÁBADO (1974)

ERUDITION IN THE *CORREIO DO POVO* JOURNAL: AN ANALYSIS OF CADERNO DE SÁBADO (1974)

ERUDICIÓN EN LO *CORREIO DO POVO*: UN ANÁLISIS DE LOS CADERNO DE SÁBADO (1974)

Andrei Toniniⁱ

Resumo: Quando tratamos da imprensa, as primeiras coisas que veem em nossa mente são a informação e a comunicação. Aliás, comunicação e história entrelaçam-se e caminham abraçadas desde o prelúdio da existência humana, seja através da fala, das imagens, dos textos, dos impressos, e mais recentemente, dos meios digitais. Como meio de comunicação, a imprensa é responsável por levar informação e conteúdo cultural a um número imensurável de pessoas. Este trabalho visa analisar o suprimimento Caderno de Sábado, do jornal Correio do Povo, de Porto Alegre/RS, a partir da metodologia proposta por Violette Morin. Dessa forma, pretende-se quantificar por meio de unidades de informação, quais conteúdos de ordem cultural eram publicados pelo periódico no ano de 1974, percebendo sua influência sobre os assuntos que se voltavam para a elite intelectual sul-rio-grandense.

Palavras-chave: Correio do Povo; Caderno de Sábado; Violette Morin.

Abstract: When it comes to the press, the first things that come to mind are information and communication. In fact, communication and history intertwine and walk embraced since the prelude to human existence, whether through speech, images, texts, print, and more recently, digital media. As a means of communication, the press is responsible for bringing information and cultural content to an immeasurable number of people. This work aims to analyze the notebook supply of Saturday, of the newspaper Correio do Povo, from Porto Alegre / RS, based on the methodology proposed by Violette Morin. In this way, it is intended to quantify, by means of information units, which cultural content was published by the journal in 1974, realizing its influence on the issues that turned to the intellectual elite of Rio Grande do Sul.
Keywords: Correio do Povo; Saturday Notebook; Violette Morin.

Resumen: Cuando se trata de la prensa, lo primero que viene a la mente es la información y la comunicación. De hecho, la comunicación y la historia se entrelazan y caminan desde el preludio de la existencia humana, ya sea a través del habla, las imágenes, los textos, la impresión y, más recientemente, los medios digitales. Como medio de comunicación, la prensa es responsable de llevar información y contenido cultural a un número inconmensurable de personas. Este trabajo tiene como objetivo analizar la oferta de libretas del sábado, del periódico Correio do Povo, de Porto Alegre / RS, a partir de la metodología propuesta por Violette Morin.

De esta forma, se pretende quantificar, mediante unidades de información, qué contenido cultural fue publicado por la revista en 1974, dándose cuenta de su influencia en los temas que se convirtieron en la élite intelectual de Rio Grande do Sul.

Palabras clave: Correio do Povo; Cuaderno del sábado; Violette Morin.

Considerações Iniciais

É possível dizer que se não existisse comunicação, não faríamos história, ou talvez, nem houvesse história. Por sorte, é exatamente o contrário que acontece. Através dos anos, as diversas formas de comunicação são ferramentas e objetos do estudo da história.

Dentre os meios de comunicação, a revolução do impresso fez com que a imprensa conseguisse alcançar um número muito maior de pessoas, e de forma mais rápida. Fatos que aconteciam em um dia, no outro já estavam na casa dos leitores. Jornais, livros e panfletos tornaram-se cada vez mais comuns e facilitaram que, entre outras coisas, as pessoas tivessem mais acessos à cultura e ao conhecimento.

Muitos historiadores debruçaram-se sobre meios e metodologias para abordar os meios de comunicação. Para esse estudo em específico, optou-se em analisar o Caderno de Sábado através da metodologia criada por Violette Morin, utilizando de suas Unidades de Informação (UI).

O “Caderno de Sábado” é uma publicação semanal, com cerca de 52 edições anuais. Destas, foram escolhidas 32 para a efetivação da análise, com base na integridade física das fontes consultadas, oriundas de um acervo pessoal. São 32 edições, uma vez que correspondem a 61,5% das edições anuais, o que para uma pesquisa em amostragem para um artigo, configura uma análise significativa. Para escolher as 32 edições, descartamos as edições que estariam rasuradas ou com problemas de conservação, para não prejudicar os resultados. Também, descartadas as edições com menos de 12 folhas, uma vez que não seguiriam a tendência das demais edições, que possuíam, no mínimo, 14 folhas. Percebe-se, porém, que a quantidade analisada reflete dados plausíveis em relação aos objetivos da pesquisa, uma vez que a linha editorial do jornal segue um padrão coerente às informações. A partir disso, classificamos os temas das colunas/artigos em 14 temas, que serão as U.I. principais, e 22 subtemas, que serão as U.I. secundárias.

As U.I. terão características objetivas, como exemplo, as colunas que tratam da História. História será uma U.I. principal, enquanto História Política, História Local, História Regional

e outras serão consideradas U.I. secundárias. Da mesma forma que Crítica se tratará de uma U.I. principal, tendo Crítica Literária e Crítica Religiosa como U.I. secundárias.

Algumas U.I. principais não terão U.I. secundárias, por se tratarem de temas que não permitem, ou que causariam um número elevado de U.I. secundárias, o que não tornaria possível seu estudo em apenas um artigo. Além de que, o objetivo principal é quantificar e analisar os Cadernos de Sábado como um todo, e não apenas uma U.I. ou outra.

Também seria possível haver subdivisões das subdivisões, o que mais uma vez excluimos, pois não poderia ser abordado apenas em um artigo. Afim de critério para definições das U.I., foi levado em conta qual era o objetivo principal do artigo/coluna, e o que ele levava ao leitor. Muitos artigos iniciam-se em uma edição e ganham continuação em outras, nesses casos, cada um foi considerado como artigo individual e classificado nas U.I..

Foram estudadas todas as edições do Caderno de Sábado do ano de 1974, o que fez optar pela amostragem, uma vez necessidade de uma abordagem mais genérica para o artigo. Os critérios de escolha foram subjetivos, excluídas as edições pelos motivos já mencionados, deixamos de lado as edições de dois meses, um do início do ano e outro da metade, fevereiro e julho, para tentar evidenciar mudanças ou não na linha editorial durante o ano, e se a ruptura se daria de forma gradual ou brusca. Dessa maneira, acreditamos que com os resultados que obtivemos já se torna possível uma conclusão acerca dos objetivos e características principais que os editores chefes do Jornal, Oswaldo Goidanich e Paulo Fontoura Gastal, desejavam alcançar com sua publicação.

História, comunicação e imprensa

Para uma melhor abordagem desse trabalho, é válido realizar uma análise historiográfica da relação existente entre a História e a Imprensa. A comunicação é inseparável do ser humano. Onde houver um grupo de dois ou mais seres humanos, haverá comunicação. Através da história, a sociedade buscou meios variados de se comunicar, do oral ao impresso.

Não se trabalhará todas mídias e meios de comunicação. O foco é trabalhar a mídia impressa, em especial o Caderno de Sábado do Jornal Correio do Povo. Entretanto, é interessante a recordação do ensinamento de Peter Burke, que muito embora existam quatro mídias predominantes, os sistemas oral, escrito, impresso e elétrico, elas interagem entre si, muito raramente estando isoladas uma da outra (BURKE, 2008, p. 69).

A imprensa veio como revolução na forma de comunicação. Desse ponto será abordada a História da Imprensa. O grande ponto da problematização acerca da abordagem da imprensa

na história inicia com os resquícios deixados pelo positivismo. A preocupação de escrever a história da imprensa já existia, mas ainda existia um tabu em escrever a História por meio da imprensa (DE LUCA, 2005, p. 111).

Nesse contexto, o ideal da “busca da verdade dos fatos”, que seria alcançado através de documentos oficiais, os jornais pareciam, em certo ponto, irrelevantes, uma vez que estariam minados de interesses próprios, paixões, compromissos e etc. (DE LUCA, 2005, p. 112). Todavia, o avanço do impresso e a carga de informações que circulariam entre a sociedade, somado com a Escola dos *Annales*, foram desconstruindo os olhares negativos direcionados à imprensa como fonte histórica.

Dentre muitos relatos do surgimento do impresso o que mais chama atenção o que vem da China do século VII. Usando blocos de madeira entalhados com ideogramas, começou-se a imprimir pequenas receitas budistas para depois, passar à impressão de obras literárias, figuras e etc., A imperatriz na época, Wu, é hoje denominada com a mulher que descobriu a imprensa (BURKE, 2008, p. 70).

Com o tempo, a mídia impressa espalhou-se pelo mundo. Na América, foram instaladas pelos colonizadores espanhóis no século XVI, inicialmente no México e no Peru, onde imprimiram gramáticas para padronizar a língua indígena. No Brasil, as impressoras foram proibidas até 1808, fazendo que o conteúdo impresso era importado de Portugal e na América do Norte trabalhava apenas com quatro impressoras antes de 1680 (BURKE, 2008, p. 71). O aumento do uso das impressoras foi gradual, até que enfim, os impressos se solidificaram como principal meio de comunicação da sociedade.

Ao trazer a perspectiva acerca das ideias de Guy Debord e Marshall McLunhan, e teorizar entre elas, Gonçalves e Saint Clair elegem o que talvez seja o principal ponto de raciocínio das argumentações de McLunhan: o argumento que o eletrônico é uma religação entre as pessoas, as máquinas de comunicação acabam se tornando extensões de nós mesmos.ⁱⁱ Se os meios de comunicação são extensões dos seres humanos, seria improvável que a própria imprensa, como forma de meio de comunicação, não se tornaria objeto da pesquisa histórica.

Esse crescimento expressivo da mídia impressa criou o que Burke chama de “cultura do impresso”, que acabará sendo definida como a conclusão final de uma soma de outras formas de comunicação, conforme destaca:

O que denominamos “cultura do impresso” é, realmente, uma mistura de comunicação oral, escrita e impressa. A interação entre oralidade e impresso pode ser ilustrada pelos *folhetos* discutidos anteriormente e seus equivalentes em outras culturas. Manuscritos
Semina - Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF – ISSN 1677-1001
V. 19, N. 2, p. 141-163, Jan/abril 2020

e impressos também interagiram. Os impressos produziram livros híbridos, com espaços em branco para os leitores adicionarem informações e comentários, personalizando, dessa forma, o texto. A produção de textos escritos à mão continuou na era da imprensa, mas foi estabelecida certa divisão do trabalho, com a comunicação íntima e clandestina passando para o campo do manuscrito: assim, boletins manuscritos, por exemplo, continuaram a fornecer as notícias cuja impressão não era permitida (BURKE, 2008, p. 75).

No Brasil, na década de 1970, com a tese de doutorado de Arnaldo Contier (*Imprensa e Ideologia em São Paulo – 1973*), a imprensa se torna objeto da pesquisa histórica. Da mesma maneira, a história do movimento operário encontrou na imprensa uma de suas fontes de pesquisa privilegiadas, onde não se lidava mais com jornais de viés profissional, mas jornais/revistas produzidos por militantes e sindicalistas. Também, de grande importância foi a imprensa para a pesquisa sobre a imigração e o aumento de sua intensidade a partir do século XIX (DE LUCA, p. 118-120).

A própria imprensa também faz uso da história, elegendo vestígios que vem do passado para elaborar análises e comparações com a atualidade do mundo. O uso do passado é usado por grande variedade de tipologia textual, sendo descrito e colocado em pauta como bem entender o meio de comunicação, podendo ser usado para comemorações, retrospectivas, e etc. (BARBOSA, 2008, p. 84).

Com todo o apresentado, é plausível entendermos a importância da imprensa, como meio de comunicação, e porque estudar a história por, no e através dela. Assim, justificado o interesse histórico em ter no jornal o objeto da pesquisa histórica, é possível melhorar a reflexão que será proposta em linhas futuras. O que se pode adiantar é que nunca é só mais uma página de um jornal qualquer. Há algum agendamento e algum objetivo. Existe uma produção conversada, escrita e agora impressa que busca alcançar algo no leitor. Vamos aqui observar justamente isso: o que o *Jornal Correio do Povo*, através de seus Cadernos de Sábado, queria repassar ao leitor.

O Caderno de Sábado do *Correio do Povo*ⁱⁱⁱ

Qualquer interpretação, especialmente envolvendo a imprensa, necessita ser provida de um estudo do contexto de onde está inserida. Para entender melhor o Caderno de Sábado do *Jornal Correio do Povo*, vamos passar a um pequeno estudo sobre o jornal, seus editores à época e suas intenções. A partir disso, poderemos adentrar na metodologia e nas análises realizadas.

Antes, contudo, de tratar especificamente do jornal e de seu suplemento cultural, é importante ressaltar como o jornalismo cultural passou a se tornar uma instância de mediação e produção intelectual. Em outras palavras, a expansão do agendamento intelectual parte da intenção se mudar o *status quo* onde a abordagem erudita ocorria apenas na academia. Encontrou-se a necessidade de trazer a filosofia, a história, a sociologia e tantos demais temas para serem tratados em clubes, bares, assembleias, salões, barbearias, e até mesmo, na rua (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 79).

A intelectualidade chegou nas tabernas, banhos públicos, salões e cafés nos séculos XV e XVI. Os lugares de encontros sociais deixaram de ter finalidade objetiva, muito mais do que tomar café ou tomar banho, as pessoas encontravam-se em locais públicos para debater cultura e erudição, tudo graças a expansão comercial proveniente desses mesmos séculos (CARDOSO, 2016, p. 51).

Assim, foi crescendo o debate intelectual entre homens e mulheres nos encontros públicos, muito graças ao jornalismo, inclusive, foi graças aos encontros em bares e clubes que nasceu o jornal *The Spectador* (CARDOSO, 2016, p. 51), percursos do jornalismo dedicado à intelectuais e não simplesmente à informação.

Com o passar dos anos surgiram na imprensa jornais dedicados à cultura e a divulgar o trabalho de intelectuais. No entanto, apontamos o lembrete de Bourdieu sobre a exclusão simbólica (2004, p. 173). Seria cair no conto do vigário afirma que a produção intelectual na imprensa deu espaço para todos e que todos artistas tiveram espaço de divulgação. O jornalismo, como campo de produção cultural, tem seu agendamento determinado, principalmente, por fatores econômicos, sociais, políticos, e, até mesmo, opções pessoais dos editores.

Assim, entramos no objeto principal de nosso estudo, o Caderno de Sábado, do Jornal Correio do Povo. O Caderno de Sábado foi um suplemento cultural, presente semanalmente, em todas edições de sábado, entre 30 de setembro de 1967 e 10 de janeiro de 1981, voltando a circular recentemente no jornal. Seu principal objetivo era claro: reunir em algumas edições os intelectuais sul-rio-grandenses e dar voz às suas ideias e trabalhos (CARDOSO, 2016, p. 87).

Idealizado por P.F. Gastal e Oswaldo Goidanich, o Caderno de Sábado veio para alinhar o jornal Correio do Povo, que no século XX era o de maior importância em Porto Alegre e desbravava as fronteiras do Rio Grande do Sul, aos principais jornais do Brasil e ao então jovem

concorrente, jornal Zero Hora. À época, os principais jornais do país já possuíam suplementos culturais, sendo o Correio do Povo um dos últimos a adotá-lo (CARDOSO, 2016, p. 87-88).

Culminado com tal fato, os anos 1960 foram muito importantes para a Companhia Jornalística Caldas Júnior, com grande aumento de circulação do jornal Correio do Povo, decorrência da urbanização e da expansão industrial. Isso tudo ajudou a criação do suplemento e seu sucesso (CARDOSO, 2016, p. 91).

O Caderno de Sábado, como suplemento, possuía em média 16 páginas por edição, muitas poucas vezes, menos de 12, e em algumas edições especiais, até 20 páginas. Textos maiores eram colocados em duas ou três páginas, ou transformados em uma série, com publicação em edições seguidas (CARDOSO, 2016, p. 91), como o exemplo dos textos denominados *Rua da Praia*, de Nilo Ruschel, ou *Um Sepúlveda no Governo do Continente*, de Moysés Vellinho, ambos textos tomaram espaço em várias edições do ano de 1971.

Os editores do Caderno de Sábado, e também mentores do recrutamento dos intelectuais, Oswaldo Goidanich e P.F. Gastal, foram grandes responsáveis pelo sucesso do complemento cultural do Correio do Povo. Oswaldo Goidanich foi para o jornal Correio do Povo em 1943, onde ocupou os cargos de chefe de reportagem e secretário de redação. Depois de outras funções, assumiu o editorial dos Cadernos de Sábado, em 1967. Ainda, “foi diretor da Associação Rio-Grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa. Mais adiante, nas décadas de 1960 e 1970, aproximou-se da gestão de iniciativas estatais e independentes, ligadas à organização do campo cultural local” (CARDOSO, 2016, p. 169).

Já em relação à P.F. Gastal, o mesmo:

Figura central na vida cultural de Porto Alegre no século XX, Paulo Fontoura Gastal nasceu em Pelotas e já desde muito cedo teve apreço pelo cinema: trabalhava como ajudante no Cine Capitólio, de sua cidade natal, para poder ter acesso livre às exibições de filmes. Por essa mesma época envolveu-se, também, com política estudantil e logo começou a produzir textos para o jornal *Diário Popular*. Chegou a Porto Alegre em 1946 e, depois de atuar no comércio, logo iniciou uma colaboração de três anos com a Revista do Globo (CARDOSO, 2016, p. 169).

Os editores, ao idealizarem o projeto do Caderno de Sábado, deram resposta ao anseio que os intelectuais e eruditos do Rio Grande do Sul possuíam em ter um espaço para circulação de suas ideias e pensamentos, de forma institucionalizada e que pudesse ser espalhada para a sociedade como um todo (CARDOSO, 2016, p. 164). Os editores dedicaram-se em criar um suplemento para levar cultura e intelectualidade aos leitores, mais que isso, criaram quase que

uma enciclopédia, dada tamanha diversidade e qualidade que eram achadas nas folhas dos Cadernos de Sábado, levando a possibilidade de que o que antes seriam simples leitores, tornarem-se eruditos.

O método de análise da imprensa de Violette Morin

Para nosso trabalho, escolhemos a metodologia desenvolvida por Violette Morin. A intenção é utilizar-se das Unidades de Informação para quantificar, tabelar e entender que o jornal está tentando passar aos leitores. Para entender melhor a intenção do Caderno de Sábado, mudamos um pouco o meio de elencar as U.I., o que era necessário para adaptar o método a esse estudo. Diferente de Morin que elencou como U.I. expressões e palavras, aqui elegemos temas de abordagem para os artigos e colunas, que serão quantificados como unidades principais e secundárias.

A partir disso, e após entender o método, será possível concluir qual tipo de conteúdo que chegava ao leitor durante o ano de 1974. Evidentemente, não se trata de uma pesquisa completa, uma vez os arquivos que tivemos acesso não nos permitirem, entretanto, abordamos mais de 91% das colunas e artigos contidos no Caderno de Sábado no ano em estudo, o que nos permite, para apenas um artigo, uma pesquisa satisfatória.

Ao estruturar seu método, Morin trata da viagem de Kuroutchev^{iv} para França em 1960. A abordagem acontece na forma de quatro perguntas essenciais sobre o trato da imprensa para a viagem: o que disse, como disse, como mediu os acontecimentos e quais os aspectos que ela insistiu (MORIN, 1960, p. 03). Aqui, diminuimos as questões para o que passou, como passou e como distribuía os temas pelas folhas do jornal.

Violette Morin já havia ensaiado seu método ao abordar o nascimento real inglês, anos antes. A autora realiza a soma aritmética das informações dadas sobre o acontecimento – no nosso caso, sobre os temas -, essa soma representará o que é chamado de “*Gestalt geral*” do estado atual da imprensa. Isso se caracterizará por três tendências, que analisaremos a partir da ideia do nosso estudo (MORIN, 1960, p. 04).

A primeira tendência que se distingue é a exaustividade. Nesse sentido, a informação deve ser completa, o jornal deve registrar o maior número de fatos possíveis, não podendo ignorar nada. Deve abordar mais, registrar mais, demonstrar mais os fatos, é quase como um “ao vivo” dos dias de hoje, a imprensa mostra os fatos como se ali estivéssemos (MORIN, 1960, p. 04). Nesse ensaio, trocamos os fatos e a exaustividade de notícias pela exaustividade de temas no Caderno de Sábado. Qual tema é abordado em toda edição? Qual é o mais tratado? O que

nunca deixa de ser mostrado? Assim, será possível observar que a qualidade do tema abordado estará ligada à quantidade de vezes que o mesmo irá aparecer.

Como segunda tendência, encontramos a diversidade. As capas de jornais analisados por Morin apresentavam grande números de títulos ou subtítulos. As manchetes variavam de temas e contextos, tratando desde esportes, política, desastres naturais, a visita do presidente da União Soviética, acidente de avião, etc. Em pouco tempo, o leitor conseguia ter acesso a uma infinidade de informações em apenas um passar de olhos, as manchetes já informam o principal, tira a necessidade do leitor de ir até a notícia completa. O jornal disponibiliza em abundância e pede pouco do leitor (MORIN, 1960, p. 05-06).

Em nossa abordagem, vislumbramos a diversidade de forma diferente. Não nos preocupamos com a quantidade de informações, mas sim com a quantidade de temas que os vários autores elencam para seus artigos e colunas. A diversidade, como será mostrado a seguir, talvez seja uma das principais marcas do Caderno de Sábado.

A terceira tendência é o que a autora chama de tendência à sincronia. As reportagens tende a estarem sincronizadas com o que acontece no momento de sua publicação (MORIN, 1960, p. 06). Nesse sentido, surge um desafio: os temas tratados não são notícias sendo reportadas para os leitores, são estudos, pesquisas, poemas, entrevistas e etc.. Onde estaria a tendência à sincronia nesse caso? Será possível, a partir de nossa quantificação, observar alguns pontos de tendência de temas, um exemplo é o grande número de trabalhos sobre a história local, cultural e regional, com clara influência da Escola dos *Annales*.

Se tratando o supletivo quase de uma revista científica dos dias atuais, o estudo das tendências extrapola o campo jornalístico e adentra no campo da pesquisa e ciência. Deixa-se de perguntar “o que está acontecendo?”, “O que é informado?” e se passa a questionar “O que está sendo pesquisado?” e “O que está sendo publicado?”. Dessa maneira, conseguimos observar a formação de tendências entre as publicações, a mais clara delas é sobre a agenda de publicações sobre a história sul-rio-grandense e de perspectivas locais do Estado, todos os 31 artigos de história regional ou local (21 de história regional e 10 de história local) tratam sobre o Rio Grande do Sul e seus municípios.

Entendido a ideia inicial do relacionamento entre a metodologia de Violette Morin e o que queremos atingir em nosso ensaio, passamos para a explicação da metodologia propriamente dita e de sua aplicação nesse artigo. Embora já mencionado, será trabalhado aqui as Unidades de Informação, objetivando quantificar o assunto (tema) tratado.

Primeiramente, explicamos que Violette Morin criou dois critérios de abordagem dos jornais, o primeiro, designado de Unidade-sob-Tema (U.S.T.)^v e um segundo, denominado Unidade de Informação (U.I.). O U.I. preza pela objetividade e buscar responder a apenas uma questão: o assunto tratado (MORIN,1960, p. 07). Aqui, trocaremos o assunto tratado pelo tema tratado – que fique claro, ao falarmos do tema estamos falando do assunto científico, da matéria tratada nas colunas e artigos, diferente do tema das U.S.T., que visaria tratar como o assunto foi abordado e o que foi dito sobre ele -, e assim, será possível elencar quais os temas (assuntos) que o leitor erudita mais teve acesso ao folhar as páginas do Caderno de Sábado.

Com a objetividade, a informação que a pesquisa passa é essencialmente descritiva, ressaltando o sentido literal dos temas, sem uma interpretação aprofundada sobre o texto e seu sentido mais amplo (MORIN,1960, p. 07). Realizamos o trabalho exaustivo de analisar todos os artigos, colunas e demais conteúdo do Caderno de Sábado que tivemos acesso durante o ano de 1974. Assim, estabelecemos uma série de quatorze U.I. principais e vinte e quatro U.I. secundárias. Atentamos para realizar um estudo mais detalhado possível, não deixando de quantificar nenhum texto, como já alertava Morin, a simplicidade desse método é uma “falsa simplicidade”.

Assim, mesmo como elencou Morin, o método não é rígido (1960, p. 09), assim, podemos adapta-lo à esse estudo. Nossas U.I. são bem objetivas, elencamos temas gerais, e nas que foi possível, elegemos outros subtemas que serão tratados como U.I. secundárias. Tentamos ser mais objetivos possíveis, e assim, apresentar os dados quantificados e resumidos em um artigo. Assim analisamos trezentos e setenta e sete (377) colunas, artigos, crônicas e etc, classificando-os conforme seu assunto principal e/ou secundário. O resultado é esse:

1° Tema:

<u>Crítica</u>	121
Subtemas: Crítica literária.....	116
Crítica Social.....	3
Crítica Religiosa.....	2

2° Tema:

<u>Poema</u>	78
--------------------	----

3º Tema:

<u>Opinião</u>	66
Subtemas: Opinião sócio-cultural.....	9
Opinião publicitária.....	1
Opinião musical.....	27
Opinião artística.....	21
Opinião sobre comportamento humano.....	1
Opinião científica.....	1
Opinião psicológica.....	2
Opinião sobre educação.....	1
Opinião filosófica.....	3

4º Tema:

<u>Texto Informativo</u>	2
Subtemas: Texto informativo acerca da saúde.....	1
Texto informativo social.....	1

5º Tema:

<u>História</u>	70
Subtemas: História política/social.....	1
História social.....	19
História local.....	10
História política.....	10
História regional.....	21
História cultural.....	7
História da Imprensa.....	1
História da arte.....	1

6º Tema:

<u>Biografia</u>	13
------------------------	----

5º Tema:

Linguagem/Ortografia.....4

6º Tema:

Discurso.....7

7º Tema:

Poesia.....5

8º Tema:

Entrevista.....3

9º Tema:

Homenagem.....2

Subtemas: Falecimento.....1

10º Tema:

Coluna de divulgação de espaço para trabalhos (editorial).....3

11º Tema:

Divulgação artística.....1

12º Tema

Letra de música.....1

Assim, apresentada a quantificação, é possível agora fazer uma análise dos assuntos tratados pelo suplemento Caderno de Sábado e seu objetivo de trazer erudição para seus leitores. A partir das edições analisadas e das U.I. apresentadas, podemos formular o seguinte gráfico:

Gráfico 1

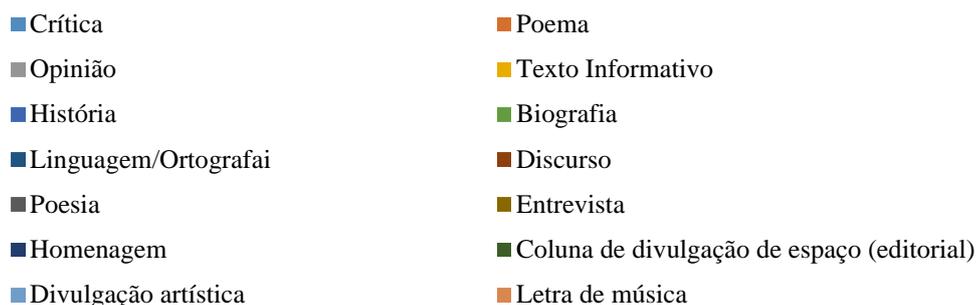
^{vi} Foram analisadas 32, de 52 edições do ano

A U.I. que aparece mais vezes nas edições do Caderno de Sábado tem como assunto principal a crítica. Elegemos como crítica todo trabalho que segue a estrutura textual de uma resenha crítica. De 121 textos eleitos como crítica, 116 foram classificados como crítica literária, 3 como crítica social e 2 como crítica religiosa.

De longe, a maior quantidade de textos contidos nas edições analisadas são críticas literárias. As críticas abordam uma variedade imensa de obras, com gêneros e autores diversos, desde livros nacionais à livros internacionais. Entre o principal autor das críticas literárias está Antônio Hohlfeldt^{vii}, com 20 contribuições.

Interessante a abordagem quando o assunto principal é poema, em praticamente todas as edições os textos estão na primeira ou segunda página do suplemento cultural. Tratam-se de

ASSUNTOS DO CADERNO DE SÁBADO - 1974³¹



textos pequenos, porém, sempre em destaque na página, localizados ao centro, ou com algum tipo de destaque, como contornos ou negritos. Mário Quintana escreveu em todas edições, como tratando-se de uma série, intitulados como “Do Caderno H”, que mais tarde tornou-se livro.

Entre todos os assuntos principais, que geram as U.I., a história parece a que mais chama atenção pela diversidade de abordagem. Não é difícil eleger o texto como um texto onde o tema é a história, o maior trabalho é poder subdividi-lo. Escolhemos como método em eleger como subtemas as divisões estudadas nas disciplinas das Universidades, embora alguns textos pudessem flutuar entre uma área e outra, optamos em eleger a área mais característica do texto.

No que se trata de história regional, podemos ver a tendência a textos que tratam das interligações regionais durante a Revolução Farroupilha, que é muito trabalhada por Mário Gardelin^{viii}, ou como funcionava a Colônia de Sacramento, tratada por Guilhermino Cesar^{ix}. Todos os textos são sobre interligações regionais do Rio Grande do Sul, o que demonstra uma clara intenção de levar ao leitor um certo apreço ao regionalismo e à história sul-rio-grandense.

Entre os textos que flutuam entre U.I secundárias, podemos eleger o texto de Moacyr Flores^x, que se transformou em um série, publicada em edições seguidas do Caderno de Sábado. O texto, intitulado *O artilheiro – A imprensa na Revolução Farroupilha*, poderia ser colocado tanto como história da imprensa, tanto como história regional. Optamos pela história regional, muito embora em seu título trate da imprensa, uma vez abordar.

Os textos sobre história local tratam de localidades, bairros e povoados do Rio Grande do Sul. Embora é o esperado que os textos abordem apenas localidades do Estado onde o jornal está situado, vemos como um direcionamento ao local, quando em um número tão grande de edições não encontramos nenhuma publicação sobre localidades fora do Rio Grande do Sul, uma vez que existem artigos sobre a política no Rio de Janeiro na época colonial. Se buscarmos entender a distribuição das U.I. secundárias da história, é possível formular o seguinte gráfico:

Gráfico 2



Podíamos – e talvez, deveríamos – ter classificado a biografia como uma U.I. secundária da história, porém, optamos trata-la como assunto principal e a elevamos como U.I. principal, uma vez se divergir dos textos que classificamos como U.I. da história.

Gostaríamos de poder focar todas as U.I. e analisarmos uma por uma, mas o espaço e a intenção não nos permitem. A partir do apresentado, as U.I. mostram como o Caderno de Sábado trabalhou como um importante supletivo cultural para o jornal Correio do Povo.

É possível constatar que o Caderno de Sábado possuía dois focos principais durante o ano de 1974: a apresentação e crítica de obras literárias e a abordagem histórica do Rio Grande do Sul. Muito embora não seja uma análise completa do ano, os números apresentados parecem serem absolutos.

A intenção de tornar seus leitores eruditos parece estar intrínseca na formatação das edições: Inicialmente, uma obra de arte de algum pintor famoso, seguidos por alguns poemas somados a alguma crítica literária. Em meio a 14 páginas, no meio de tantas críticas literárias e textos sobre história, encontramos opiniões musicais – quase que sempre escritas por Hebert Caro^{xi} -, opiniões sociais, poesias, entrevistas e etc., distribuídos na forma de que entre a leitura de uma crítica literária e de um texto de história, exista uma fuga, um descanso, algo mais atual, em que o leitor possa parar e comentar com os amigos, de forma de mostrar sua erudição sobre o assunto.

Assim, as U.I. nos ajudam a vislumbrar essas situações: a dos assuntos principais que o jornal tenta passar e qual as possíveis intenções por trás dessas abordagens. O espaço para a

história sul-rio-grandense constitui mecanismo importante para o apreço regional entre a classe intelectual do Estado.

Considerações finais

O que esperamos ao ler um jornal? Ou melhor, o que buscamos? Informações sobre o tempo? Esportes? Política? Obituário? Os suplementos culturais foram mais longe, trouxeram cultura e erudição para as páginas dos jornais. Ler era um hábito que se tornou prazeroso. Poder estar informado sobre a história do Rio Grande do Sul, algum novo livro ou um filme em cartaz agora fazia parte da realidade dos leitores do jornal Correio do Povo.

As contribuições dos suplementos culturais são indiscutíveis, mas era necessário saber abordá-las. Dessa maneira, escolhemos poder estudar o Caderno de Sábado, por ser o complemento cultural do jornal de maior circulação do Rio Grande do Sul na época. Muito embora não seja uma pesquisa completa como gostaríamos, a amostragem escolhida consegue apresentar uma forma de abordagem que demonstra como o editorial escolhia e distribuía os temas durante as edições, privilegiando uns em detrimento de outros. Uma pesquisa mais profunda necessitaria se tratar de, no mínimo, uma dissertação, tendo em vista o grande número de edições anuais e de textos que cada uma traz.

Por ter acesso a um arquivo particular, encontramos dificuldades, uma vez que encontramos páginas rasgadas, edições incompletas e a ausência de um mês inteiro nas encadernações. Entretanto, conseguimos concluir a pesquisa por amostragem, na forma de que foi possível apresentar números absolutos e traçar uma ideia sobre os principais assuntos tratados no suplemento cultural.

Escolhemos utilizar o método da Violette Morin a fim de poder quantificar os temas dos textos do suplemento e transforma-los em Unidade de Informação. Dessa maneira, é possível observar os assuntos principais tratados no período temporal onde está localizada a pesquisa e também possíveis intenções dos editores na publicação de tais temas.

A crítica - em especial a literária - , o poema e a história são as U.I. que dominaram o suplemento. Isso demonstra, entre outras coisas, a erudição passada aos leitores do jornal. No caso dos subtemas, as U.I. secundárias da história também mostram a aproximação da intelectualidade com o tradicionalismo sul-rio-grandense.

Demonstrar os assuntos principais tratados era nosso maior objetivo, mesmo tratando-se de uma pesquisa por amostragem. Concluimos na forma de que conseguimos analisar 32 de

52 edições, representando um bom número de abordagem, que resultaram na leitura e classificação de 377 textos.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Marialva. Meios de comunicação e usos do passado: temporalidades, rastros e vestígios entre Comunicação e História. In RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael (orgs)l. *Comunicação e História: interfaces e novas abordagens*. Rio de Janeiro: MauadX: Globo Universidade, 2008, p. 83-96.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia*. São Paulo: Zahar, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BURKE, Peter. A comunicação na História. In ABREU, Alzira Alves de et all. *Comunicação e História: interfaces e novas abordagens*. Rio de Janeiro: MauadX: Globo Universidade, 2008, p. 61-82.

CARDOSO, Everton Terres. *O suplemento cultural como rede de relações: Os intelectuais no Caderno de Sábado do jornal Correio do Povo (Porto Alegre, 1967-1981)*. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Informação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Porto Alegre, 2016.

GONÇALVES, Marcio Souza; SAINT CLAIR, Ericson Telles. Comunicação e História: perspectivas analíticas. In RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael. *Comunicação e História*. Interfaces e novas abordagens. Rio de Janeiro: MauadX: Globo Universidade, 2008, p. 45-60

LUCA, Tania. História dos, nos e através dos periódicos. In Pinsky, Carla (org). *Fontes Históricas*, São Paulo: Contexto, p.111-154.

MORIN, Violette. *Aplicação de um método de análise da imprensa*. Communications de masse. Paris: 1960,, n. 1

Submetido em: 30/03/2020

Aprovado em: 14/04/2020

Publicado: 1º/05/2020

ⁱ Universidade de Passo Fundo, Brasil

ⁱⁱ Os autores trazem seu ponto de vista da ideia de McLuhan, que é: “[...] as máquinas de comunicação funcionam como extensões de nós mesmos, mas extensões que alteram a relação entre nossos sentidos e produzem, assim, indiretamente, mudanças na forma de estruturação das culturas.” GONÇALVES; SAINT CLEAR, 2008, p. 46.

ⁱⁱⁱ CORREIO DO POVO: Caderno de Sábado. Porto Alegre: Companhia Jornalística Caldas Júnior, 1974. Acervo Particular.

^{iv} A grafia em português do nome do ex-presidente soviético é Nikita Krushev, no entanto, optamos em manter a grafia utilizada por Morin.

^v A Unidade-sob-Tema foi utilizada por Violette Morin em seu estudo acerca de como os jornais e tabloides ingleses cobriram o nascimento real de 1948. As U.S.T. respondem essencialmente às perguntas “Que nos dizem ou “Como nos dizem” (1960, p. 07), o que não será tratado nesse artigo.

^{vi} Não foram analisadas as edições de 19/01, todo mês de fevereiro, 13/04, 18/05, 29/06, todo mês de julho, 31/08, 07/09, 21 e 28/09, 19/10, 09 e 16/11 e 07/12, uma vez a precariedade do arquivo, o que não nos permitiu uma pesquisa completa.

^{vii} Graduou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é mestre e doutor em Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Escritor, professor universitário e jornalista. Foi patrono da 53ª Feira do Livro de Porto Alegre, edição 2007. (Informações retiradas do Memorial da Câmara de Vereadores de Porto Alegre – disponível em <https://memorial.camarapoa.rs.gov.br/galeriadospresidentes/antonio-hohlfeldt/>), Acesso em 20 mar. 2020.

^{viii} Historiador formado em 1964 pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, precursora da UCS, Gardelin se destacou no meio acadêmico como docente e pesquisador da Imigração Italiana. Trabalhou por mais de 40 anos na Universidade de Caxias do Sul. Além de vice-reitor, desempenhou importantes funções administrativas, entre elas, ocupando o cargo de assessor para Assuntos de Povoamento, Imigração e Colonização. (informações retiradas do site da Universidade de Caxias do Sul. Disponível em <https://www.ucs.br/site/noticias/mario-gardelin-vice-reitor-da-ucs-entre-1982-e-1986-faleceu-em-caxias-do-sul/>. Acesso em 20 mar. 2020)

^{ix} Guilhermino César da Silva (Eugenópolis MG 1908 - Porto Alegre RS 1993). Poeta, romancista, crítico, ensaísta, historiador e professor. Em 1910, muda-se com a família para Leopoldina, Minas Gerais, onde conclui o curso primário. Dez anos mais tarde, vai residir em Cataguases, Minas Gerais, e inicia o curso ginásial no Grupo Escolar Astolfo Dutra. Matricula-se no Ginásio Municipal de Cataguases em 1923, frequenta o Grêmio Literário Machado de Assis e integra o grupo que funda a revista modernista Verde em 1927, assinando o manifesto com os escritores Rosário Fusco (1910 - 1977), Enrique de Resende (1899-1973), Ascânio Lopes (1906-1929), Christóphoro Fontes-Boa (1906-1993), Martins Mendes (1903-1980), Oswald A Britta (1908-1947), Camilo Soares (1909-1982) e Francisco Inácio Peixoto (1909-1986). É redator da Verde, que tem colaboração de escritores como Mário de Andrade (1893 - 1945), Oswald de Andrade (1890 - 1954), Carlos Drummond de Andrade (1902 - 1987), entre outros. Muda-se para Belo Horizonte e, em 1928, vai estudar na Faculdade de Direito. No ano seguinte, com Achilles Vivacqua e João Dornas Filho (1902 - 1962), funda o tablóide de divulgação das idéias modernistas Leite Criôlo, transformado depois em página especial do jornal Estado de Minas. Após consolidar sua carreira jornalística como colaborador de diversos jornais, César assume, em 1941, o cargo de diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Minas Gerais, onde permanece até 1943, quando é transferido para Porto Alegre como chefe de gabinete do governador do Estado do Rio Grande do Sul. Posteriormente assume outros cargos públicos, de professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, ministro do Tribunal de Contas do Estado e secretário da Fazenda. No ano de 1962, muda-se para Portugal, e assume a cadeira de literatura brasileira na Universidade de Coimbra. Recebe, em 1964, o título de doutor honoris causa, conferido pela Universidade de Coimbra. Retorna a Porto Alegre em 1965 e reassume a cadeira de literatura brasileira na UFRGS. Aposenta-se em 1978. Nesse período publica diversos ensaios sobre teatro, história e literatura do Rio Grande do Sul. Em 1990 é homenageado como patrono da Feira do Livro de Porto Alegre. (Informações retiradas de <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2839/guilhermino-cesar>. Acesso em 20 mar. 2020).

^x Possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1964) e doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1993). Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil. (Informações retiradas do site Escavador. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/632087/moacyr-flores>. Acesso em 20 mar. 2020)

^{xi} Herbert Moritz Caro foi um tradutor, crítico de arte, música e literatura, ensaísta e jornalista alemão naturalizado brasileiro, radicado em Porto Alegre. Nasceu em Berlin, em 16 de outubro de 1906. Em 1933 foi proibido de exercer a profissão de advocacia por ser judeu e foi obrigado a sair da seleção alemã de tênis de mesa. Em maio de 1935 chegou ao Brasil com um vocabulário de três mil palavras aprendidas em um curso na Alemanha e em dezembro do mesmo ano casou-se com Nina Zabludowski. De 1939 a 1948 trabalhou na famosa Sala dos Tradutores, da editora Globo, a convite de Henrique Bertazo e Erico Verissimo. (Informações retiradas de <http://www.goethe.de/ins/br/lp/prj/jub/pt14636628.htm>. Acesso em 20 mar. 2020).